

PRÁTICA HÍBRIDA ENTRE SERVIÇO ESCOLA DE PSICOLOGIA E AMBULATÓRIO TRANS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LARA GOMES¹; GUSTAVO PIRES²; CASSIAN MARÍN PEREIRA RAMIREZ³;
HUDSON CRISTIANO WANDER DE CARVALHO⁴.

¹Universidade Federal de Pelotas – laara.antunes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gustavoppires7@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – cassian208@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de estágio em psicologia no Ambulatório Trans do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (HE-UFPEL) - vinculado à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) -, focando na articulação entre o Serviço Escola de Psicologia (SEP) e o atendimento de pessoas transgênero acompanhadas pelo Ambulatório Trans (Ambu T). O estágio foi realizado durante os semestres letivos 2023/2 e 2024/1, compondo a grade curricular obrigatória como Estágio Específico III e IV, tendo enfoque na prática psicológica clínica.

O Ambulatório Multidisciplinar de Pessoas Trans do Hospital Escola da UFPEL (HE-UFPEL), criado em 2018, surgiu para oferecer um cuidado mais completo à população trans da cidade de Pelotas e arredores. Inicialmente focado no acompanhamento endocrinológico, o serviço cresceu ao longo do tempo, incorporando uma equipe mais ampla, com psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, enfermeiros e ginecologistas. Hoje, o ambulatório não só oferece o acompanhamento hormonal necessário, mas também apoio em saúde mental e questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva. Com cerca de 120 pacientes, o ambulatório passou pelo processo de credenciamento pelo Ministério da Saúde e obteve sua habilitação no final do mês de abril deste ano, possibilitando a oferta gratuita de medicamentos hormonais, já que, até então, esses custos recaíam sobre os pacientes ou eram viabilizados por meio de ações judiciais (EBSERH, 2023).

Objetiva-se aqui relatar a experiência de estágio no campo, assim como trazer maior visibilidade aos serviços, de forma a contribuir para que seja possível atingir um maior protagonismo dentro da rede de cuidados essenciais à população. Além disso, espera-se ser possível articular as atividades realizadas com as leituras propostas nos encontros supervisionados, acompanhadas da prática junto ao grupo terapêutico e à experiência clínica.

Como aporte teórico, a práxis clínica foi guiada pela abordagem fenomenológica-existencial que se baseia em compreender o ser humano a partir de sua experiência vivida, enfatizando sua existência no mundo com todas as suas contradições, ambiguidades e possibilidades. É importante pontuar a ideia de que o ser humano não é uma entidade isolada, mas sempre está em relação com o mundo e os outros (LESSA; DE SÁ, 2006) e a clínica pode ser lida aqui como um campo fértil. A existência é vista como uma abertura para o mundo, onde as coisas e pessoas aparecem no horizonte de sentido do indivíduo. O foco principal é o indivíduo em sua totalidade, considerando suas escolhas, liberdade e responsabilidade pessoal em relação à sua vida e às decisões que toma (TEIXEIRA, 2006).

Além da prática da psicoterapia individual, o campo de atuação do estágio abrangeu atividades grupais com a equipe multidisciplinar e os usuários do Ambu

T do Hospital Escola, juntamente com plantões de acolhimento, configurando uma modalidade de clínica ampliada (BRASIL, 2008).

2. METODOLOGIA

A metodologia ligada à realização da atividade de estágio foi composta pela prática clínica individual, acolhimentos iniciais, participação no grupo terapêutico do HE e o acompanhamento de supervisão teórica acadêmica.

O acolhimento inicial ou de retomada no espaço é um momento crucial para garantir que os pacientes se sintam ouvidos e acompanhados desde o início. Durante a entrevista inicial, aqui realizada pelos estagiários de psicologia, busca-se compreender as demandas de saúde do paciente de modo integral. Esse acolhimento proporciona um espaço de escuta qualificada, onde o paciente tem a oportunidade de falar sobre suas expectativas, medos e necessidades, podendo estar relacionadas ao processo de transição de gênero - mas nem sempre se detendo a isso -, pois nem sempre a transgeneridade será prioridade de quem está sendo atendido (FAVERO, 2022).

A atividade de psicoterapia individual foi ofertada a partir do trabalho híbrido entre o HE e o SEP, sendo possível unir suporte técnico e espaço físico para o andamento dos processos terapêuticos ali acompanhados. O quadro de estagiários era composto por 3 discentes do último semestre, que atenderam ao todo 4 pacientes fixos - sendo que 2 vieram do tratamento anterior e os outros 2 passaram pelo acolhimento inicial. O espaço físico do Serviço Escola é composto por consultórios para atendimento individual, mini auditório, sala de reuniões e sala de evoluções para permitir as atividades de estágio, além de contar com o apoio do serviço de dois técnicos Psicólogos. Os psicólogos do local são responsáveis por dar suporte em tempo real aos estagiários em sessões, assim como supervisionar e acompanhar semanalmente os processos de cada estagiário.

Além das supervisões locais, o estágio é acompanhado pela supervisão acadêmica do curso, mediada por um professor responsável por prestar auxílio em termos teóricos e técnicos, a fim de coordenar uma boa atuação dos seus estagiários. As leituras propostas, que servem como norte para discussões e práticas, foram essenciais para se expandir o conhecimento acerca da abordagem fenomenológica-existencial no processo de aprendizagem dos discentes. Além disso, as supervisões acadêmicas possibilitam o contato com uma literatura das práticas psis e da transgeneridade orientadas pela problematização da cis-norma e da patologização das identidades trans. Essa forma de enxergar a transgeneridade, abordada por autores como Sofia Favero (2022), por exemplo, tornou possível o exercício de uma prática de cuidado em saúde mental de pessoas trans que visa ir na contramão de lógicas medicalizantes sobre as existências trans.

No Ambulatório Trans do HE-UFPEL, uma das práticas mais importantes é o grupo terapêutico multidisciplinar, que ocorre mensalmente e é voltado para apoiar pacientes em processo de transição de gênero. Este grupo, conhecido como "Grupo T", tem como objetivo oferecer um espaço de troca de experiências, onde pacientes podem compartilhar suas vivências, desafios e conquistas com o apoio de profissionais de diversas áreas, como psicologia, psiquiatria e endocrinologia. Por a psicologia ter se somado recentemente ao serviço, principalmente através dos estagiários que atendem de forma híbrida com o SEP, a saúde mental é amplamente discutida nesses encontros, ajudando os participantes a lidar com questões emocionais e sociais que surgem ao longo de

suas experiências. Os encontros foram mediados a partir de um revezamento de coordenadores - a fim de permitir que temáticas diversificadas pudessem ser adentradas -, contando com a presença de profissionais convidados das áreas da endocrinologia, assistência social, ginecologia e psicologia.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Apesar de haver uma boa sincronia entre os profissionais da equipe multi, além do ótimo clima nos encontros do grupo, a assiduidade observada durante os semestres de estágio é uma circunstância a se destacar. Mesmo com uma boa divulgação e movimentação do grupo de Whatsapp (62 pessoas) criado para integrar pacientes e profissionais que passam pelo serviço, o número de participantes variava entre menos de 10 a cada encontro. O mesmo problema foi identificado em atendimentos individuais, realizados no SEP via estagiários. Notou-se certa dificuldade de adesão/participação de pacientes, obstáculo que podemos atribuir visto às recorrentes adversidades que ocorreram concomitante ao processo clínico: calendário da UFPEL alterado, recessos de fim de ano e férias fora de época, greve da universidade e as enchentes que afligiram o estado do Rio Grande do Sul. Tais complicações também tornaram um tanto defasada a experiência para alguns graduandos estagiários, já que tiveram poucos atendimentos para se somarem à prática formativa.

Consideramos expor estes cenários enquanto reforço do nosso compromisso ético-político de fazer psi. Ao discutirmos todas estas questões em supervisão e reuniões, levantamos questões essenciais para pensarmos na melhoria do serviço e também dos processos sociais da população trans e os espaços que ocupam. Existem outros significantes para o baixo índice de participação do grupo? Quais os impactos de uma equipe majoritariamente cisgênera no senso de pertencimento de pessoas trans em serviços médicos - conhecidos por, muitas vezes, serem violentos? São essas violências institucionais constantes que as afastam de buscar espaços que poderiam contribuir para sua saúde mental, autonomia e qualidade de vida? E, para além disso, como esses episódios estão a serviço da cisnormatividade e o que podemos fazer enquanto profissionais cisgêneras que se debruçam sobre as áreas de gênero e sexualidade? Concordamos com MOLINIER (2020) que o campo das transidentidades é político, e dessa forma consideramos estes debates essenciais para o nosso principal objetivo: realizar uma prática responsável e situada cientes da posição política que ocupamos.

4. CONSIDERAÇÕES

O relato da experiência de estágio permitiu a possibilidade de refletir sobre as formas como a prática ampliada da psicologia pode contribuir com a aprendizagem proposta na graduação. Atuar na psicoterapia individual, nos acolhimentos e também nas atividades grupais possibilitou uma expansão da prática, juntamente com a contribuição para o funcionamento dos serviços públicos essenciais à população que busca atendimentos integrais à saúde, tanto durante o processo de transição como que para refletir sobre as experiências existenciais do seu viver.

Consideramos necessário apontar as “partes negativas” do processo enquanto um manejo crítico-construtivo necessário, neste momento, tanto para o SEP quanto para o Ambulatório T. Em reuniões com os serviços, procuramos expor as dificuldades que encontramos nessa hibridez e demais problemas que

conseguimos identificar, de forma a procurarmos construir um espaço mais qualificado para atender a população. Além disso, reforçamos a importância da discussão de casos e das vivências dos estagiários nestes campos, principalmente de forma localizada (HARAWAY, 1995) e que priorize compreender que onde pesquisamos ou atuamos, estamos fazendo a partir das nossas identidades, estas que nos impõem limites, determinando o que e onde nos é possível ou não chegar (FAVERO, 2020). Seria impossível pensarmos num caminho abrangente de acolhimento e atenção psicossocial para identidades de gênero múltiplas sem olharmos com atenção para o que demarca as diferenças, e o presente relato de experiência fica como um convite, inclusive, a outros profissionais e futuros profissionais para rearticularem-se em seus campos e assim construirmos novos horizontes inclusivos para a sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Clínica ampliada e compartilhada: contribuições para a mudança do modelo de atenção à saúde**. Brasília, DF: Secretaria de Atenção à Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica_ampliada_compartilhada.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

EBSERH. (2023). **Profissionais do HE-UFPEL discutem trajetória e conquistas do Ambulatório Multidisciplinar de Pessoas Trans**. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sul/he-ufpel/comunicacao/noticias/profissionais-do-he-ufpel-discutem-trajetoria-e-conquistas-do-ambulatorio-multidisciplinar-de-pessoas-trans>

FAVERO, Sofia. **“Como atender travestis e pessoas trans?”: (des)cisgenerizando o cuidado em saúde mental ***. Cadernos Pagu, n. 66, p. e226613, 2022.

FAVERO, Sofia. **Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais**. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1–22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18520>.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, v. 5, p. 7-41, 1995

LESSA, J., SÁ, R. (2006). **A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial**. *Análise Psicológica*. 24. 10.14417/ap.179.

MOLINIER, Pascale. **Becoming Cisgender**. Translated from French by Kristina Valentinova In *Research in Psychoanalysis* v. 29, n. 1, p. 47-55 Publishers Laboratoire CRPMS, Université de Paris, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/rep2.029.0047>. Tradução livre].

TEIXEIRA, José A. Carvalho. **Introdução à psicoterapia existencial**. *Análise Psicológica*, v. 24, n. 3, p. 289-309, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.12/166>>. Acesso em: 10 out. 2024.